

ATAQUES REALIZADOS NA ZONA DE DEFESA TÊM EFEITO SEMELHANTE ÀS AÇÕES OFENSIVAS NA ZONA DE ATAQUE NO VOLEIBOL FEMININO?

¹ Edson de Souza Mesquita Júnior, ² Anderson Henrique Souza de Almeida
³ Sarah Abrahão Gomes dos Santos, ⁴ Yago Pessoa da Costa, ⁴ Gilmário Ricarte Batista

RESUMO

Introdução: A área de jogo pode ser dividida em zona ofensiva e zona defensiva, no entanto, os atacantes que ocupam a zona defensiva também podem realizar ataques, desde que observadas às regras do jogo. **Objetivo:** Verificar a associação das ações de defesa em relação aos ataques realizados nas zonas ofensivas e defensivas. **Método:** Trata-se de um estudo transversal, realizado com oito equipes participantes da Superliga Feminina de Voleibol 2009/2010. Ao total, analisou-se 14 jogos, considerando as ações de ataque e defesa (423 ações). Os critérios utilizados para construção do scout do desempenho técnico-tático foi adaptado de Eom e Schutz (1992), levando em conta a área de ação de ataque para com ação subsequente da defesa. Desta forma, para a defesa, utilizou-se uma escala de quatro pontos, variando de 0 a 4, sendo 0 erro e 4 perfeição. Utilizaram-se as frequências relativa e absoluta para apresentação das variáveis zona de ataque e ação da defesa. Com o intuito de verificar a associação entre as ações ofensivas com a defesa, utilizou-se o teste de Qui-quadrado, com correção de Monte Carlos. Os dados foram analisados por meio do software SPSS, versão 20.0. **Resultados:** A maior frequência das ações ofensivas foi realizada por jogadores na zona de ataque (92,2%). A zona de ataque mostrou-se associada à defesa ($X^2 = 11,817$; $p = 0,019$). Desta forma, ataque realizado por atletas da zona de defesa associou-se positivamente à defesa de escore "4" (2,8), e negativamente ao escore "0" (-2,5). Já os ataques realizados por atletas pela zona ofensiva associaram-se de forma inversa, sendo positiva, com o escore "0" (2,5) e negativa com escore "4" (-2,8). **Conclusão:** Os ataques realizados da zona ofensiva possuem um melhor desempenho, visto que gera mais erros de defesa e menos ações de contra-ataque para o time adversário.

Palavras-chave: Voleibol, Ataque, Defesa.

ATTACKS IN THE DEFENSE ZONE HAVE A RELEVANT EFFECT ON OFFENSIVE ACTIONS IN THE ATTACK ZONE IN FEMALE VOLLEYBALL?

ABSTRACT

Introduction: The game area can be divided into offensive zone and defensive zone, however, attackers occupying the defensive zone can also carry out attacks, provided they comply with the rules of the game. **Objective:** To verify the association of the actions of defense in relation to the attacks carried out in the offensive and defensive zones. **Method:** This cross-sectional study was carried out with eight teams participating in the 2009/2010 Volleyball Women's Superliga. In total, 14 games were analyzed, considering the actions of attack and defense (423 actions). The criteria used to construct the Scout's technical-tactical performance was adapted from Eom and Schutz (1992), taking into account the area of attack action for subsequent defense action. Thus, for defense, a four-point scale was used, ranging from 0 to 4, with 0 error and 4 perfection. Relative and absolute frequencies were used for the presentation of the zone of attack and defense action variables. In order to verify the association between offensive actions and defense, the chi-square test was used, with Monte Carlos correction. Data were analyzed using SPSS software, version 20.0. **Results:** The highest frequency of offensive actions was performed by players in the attack zone (92.2%). The attack zone was associated with defense ($X^2 = 11.817$, $p = 0.019$). Thus, attacks performed by athletes from the defense zone were positively associated with defense of score "4" (2.8), and negatively score "0" (-2.5). On the other hand, the attacks performed by athletes in the offensive zone were inversely associated, being positive, with the score "0" (2.5) and negative with a score "4" (-2.8). **Conclusion:** Attacks from the offensive zone perform better, as it generates more defense errors and less counter-attack actions for the opposing team.

Keywords: Volleyball, Attack, Defense.

¹Universidade de Pernambuco; ²Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – UFPE;
³Faculdade do Recife – FAREC; ⁴Programa de Pós-Graduação em Educação Física – UPE/UFPB.

E-mail: edson_jr@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os esportes coletivos são estruturados em princípios técnico-táticos que quando sintetizados revelam duas fases, a ofensiva e a defensiva de acordo com a posse de bola (DAÓLIO, 2002). Desta forma, especificamente no voleibol, a fase ofensiva (complexo I), caracteriza-se pela organização da recepção do saque, levantamento e ataque; e a fase defensiva (complexo II) compreende a organização do bloqueio e da defesa, com o intuito de conseguir formar um contra-ataque (PALAO; SANTOS; UREÑA, 2004).

Diante dos 6 fundamentos do jogo (saque, recepção de saque, levantamento, ataque, bloqueio e defesa), as ações terminal e de continuidade, se complementam afim de alcançar a vitória (COLEMAN, 2005). A superioridade das equipes está na quantidade de pontos realizados através dos fundamentos saque, ataque e bloqueio (OTÁVIO; FERREIRA, 2016). Segundo Costa et al., (2014), uma boa recepção do saque tem papel fundamental no poder do ataque para alcançar a vitória, visto que dessa forma, obtém-se o ponto de forma direta (sem defesa), ou a equipe adversária não consegue montar um bom contra-ataque, devido à dificuldade em defender o ataque.

Outro fator determinante na estrutura do voleibol de alto rendimento é o levantador (MATIAS; GRECO, 2011a). As ações de levantamento vão anteceder o ataque, desta forma, o levantador precisa tomar a melhor decisão, afim de facilitar a ação subsequente (MATIAS; GRECO, 2011b). Diante das diversas variáveis que podem influenciar nas ações do jogo, a posição que os atacantes ocupam é de bastante relevância, visto que a maioria dos pontos realizados em uma partida são marcados por esses jogadores (CASTRO; MESQUITA, 2008).

A área de jogo pode ser dividida em zona ofensiva e zona defensiva (AFONSO et al., 2012; COSTA et al., 2017; MAIA; MESQUITA, 2006), no entanto, os atacantes que ocupam a zona defensiva também podem realizar ataques, desde que observadas às regras do jogo (FIVB, 2018). Nesse contexto, ainda não está claro se os ataques realizados na zona de defesa têm efeito semelhante às ações ofensivas realizadas na zona de ataque. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi verificar a associação das ações de defesa em relação aos ataques realizados nas zonas ofensivas e defensivas.

MÉTODO

O estudo foi realizado com oito equipes participantes da Superliga Feminina de Voleibol (Campeonato Brasileiro de Clubes) 2009/2010. Ao total, analisou-se 14 jogos, considerando as ações de ataque e defesa (423 ações).

Os jogos foram filmados utilizando duas filmadoras localizadas atrás da quadra, apoiadas em um tripé, com visão de toda área de jogo, semelhante aos procedimentos utilizados por Costa e Batista (2015). Em seguida, um avaliador com experiência em voleibol realizou o scout do desempenho técnico-tático das ações de defesa. Para garantir a fidedignidade das observações, foram feitas duas notações com intervalos de 15 dias de todos os jogos (JAMES; TAYLOR; STANLEY, 2007), em seguida utilizou-se a análise de concordância Kappa, identificando boa concordância entre as observações (kappa= 0,80 ou superior) (LANDIS; KOCH, 1977).

Os critérios utilizados para construção do scout do desempenho técnico-tático foi adaptado de Eom e Schutz (1992), levando em conta a área de ação de ataque para com ação subsequente da defesa. Desta forma, para a defesa, utilizou-se uma escala de quatro pontos, variando de 0 a 4, sendo 0 erro e 4 perfeição. A área de ataque foi determinada pela posição do atleta atacante (zona do ataque), estratificando em ataque proveniente dos atacantes da zona ofensiva (atletas na posição 2, 3 e 4) e zona defensiva (atletas na posição 1, 5 e 6) (AFONSO et al., 2012; COSTA et al., 2017; MAIA; MESQUITA, 2006).

Análise de dados

Utilizaram-se as frequências relativa e absoluta para apresentação das variáveis zona de ataque e ação da defesa. Com o intuito de verificar a associação entre as ações ofensivas com a defesa, utilizou-se o teste de Qui-quadrado, com correção de Monte Carlos. As associações foram consideradas tomando como norte valores acima de 2 ou -2, em relação aos resíduos ajustados (COSTA et al., 2011). Os dados foram analisados por meio do software estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 20.0) for Windows, com um nível de significância $p < 0,05$ para todas as análises.

RESULTADOS

A maior frequência das ações ofensivas foi realizada por jogadores na zona de ataque (92,2%). A zona de ataque mostrou-se associado à defesa ($X^2 = 11,817$; $p = 0,019$). Desta forma, ataques realizados por atletas da

zona de defesa associaram-se positivamente à defesa de escore "4" (2,8), e negativamente ao escore "0" (-2,5). Já os ataques realizados por atletas pela zona ofensiva associaram-se de forma inversa, sendo positiva com o escore "0" (2,5) e negativa com escore "4" (-2,8).

Tabela 1. Associação da zona de execução do ataque e defesa

Tipo de ataque		Escore da defesa					Total
		0	1	2	3	4	
Zona defensiva	Ocorrido	11	2	4	11	5	33
	Esperado	17,8	1,3	2,5	9,8	1,6	33,0
	% do tipo ataque	33,3%	6,1%	12,1%	33,3%	15,2%	100,0%
	% do efeito da defesa	4,8%	11,8%	12,5%	8,8%	23,8%	7,8%
	Ajust. Res.	-2,5	0,6	1,0	0,5	2,8	
Zona ofensiva	Ocorrido	217	15	28	114	16	390
	Esperado	210,2	15,7	29,5	115,2	19,4	390,0
	% do tipo ataque	55,6%	3,8%	7,2%	29,2%	4,1%	100,0%
	% do efeito da defesa	95,2%	88,2%	87,5%	91,2%	76,2%	92,2%
	Ajust. Res.	2,5	-,6	-1,0	-,5	-2,8	
Total	Ocorrido	228	17	32	125	21	423
	Esperado	228,0	17,0	32,0	125,0	21,0	423,0
	% do tipo ataque	53,9%	4,0%	7,6%	29,6%	5,0%	100,0%
	% do efeito da defesa	100%	100%	100%	100%	100%	100,0%
	Ajust. Res.						

DISCUSSÃO

Esse estudo teve o objetivo de associar a zona de realização do ataque com o desempenho técnico-tático da defesa. Desta forma, verificou-se que os ataques realizados por atletas da zona ofensiva proporcionam menores chances de defesa para o time adversário, assim como dificultam a organização do contra-ataque.

No presente estudo, a maioria das ações ofensivas foram realizadas pelos atletas da zona de ataque. Do ponto de vista do resultado, a utilização desses jogadores pareceu pertinente, já que se associou positivamente à obtenção de pontos e de forma negativa às opções de contra-ataque para o adversário. Segundo Inkinen; Häyrinen e Linnamo (2013), numa partida de voleibol grande parte das ações de levantamento são para os atacantes localizados na zona ofensiva, particularmente os da posição 4 (entrada de rede). Além disso, a possibilidade de jogar com os atacantes de meio de rede (posição 3) possibilita ataques rápidos, evitando a organização do sistema defensivo

adversário (COSTA et al., 2016). Dessa forma, verifica-se o papel fundamental do levantador na organização ofensiva do jogo (RAMOS et al., 2004).

A sequência lógica do jogo coloca o ataque como a ação que finaliza o complexo I (PALAO; MANZANARES; ORTEGA, 2015; PALAO; SANTOS; UREÑA, 2004), sendo fundamental para alcançar a vitória, inclusive em categorias de formação (INKINEN; HÄYRINEN; LINNAMO, 2013). No entanto, essa ação depende das antecessoras (recepção de saque e levantamento), para que seja possível alcançar o êxito (COSTA et al., 2016). Sendo assim, grande parte das equipes utiliza o jogador líbero para contribuir no desempenho da recepção de saque de suas equipes (JOÃO et al., 2006). Porém, esse atleta não deve ser entendido como um jogador superior aos demais na ação de passar a bola para o levantador (MAIA; MESQUITA, 2006).

Ainda é importante destacar que levantadores devem ser estimulados na formação (categorias de base) a levantar para

todas as zonas da quadra (COSTA et al., 2017), com o intuito de gerar efeito surpresa diante do adversário. Adicionalmente, visto a superioridade dos ataques realizados na zona ofensiva sobre os efeitos da defesa do time adversário, pode-se utilizar a opção de inversão do sistema 5x1, que consiste em substituir o levantador (quando ocupar a zona de ataque) por um atacante, e trocar um jogador que esteja na zona de defesa pelo levantador reserva, a fim

de continuar com 3 atacantes na zona ofensiva.

CONCLUSÃO

A maioria dos ataques são realizados por atletas que ocupam as posições na zona ofensiva. Além disso, há uma melhor relação de desempenho, visto que gera mais erros de defesa e menos ações de contra-ataque para o time adversário.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, J. et al. Tactical determinants of setting zone in elite men's volleyball. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 11, p. 64–70, 2012.
- COLEMAN, J. **Avaliando os adversários e avaliando o desempenho da equipe**. In: SHONDELL, D.; REYNAUD, C. (Org.). A bíblia do treinador de voleibol. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 315-338.
- CASTRO, J. M.; MESQUITA, I. Estudo das implicações do espaço ofensivo nas características ataque no voleibol masculino de elite. **Revista Portuguesa de Ciências de Desporto**, v. 8, n. 1, p. 114-125, 2008.
- COSTA, G. et al. Relação saque, recepção e ataque no voleibol juvenil masculino. **Motriz**, v. 17, n. 1, p. 11–18, 2011.
- COSTA, G. D. C. et al. Análise das estruturas do complexo I à luz do resultado do set no voleibol feminino. **Motricidade**, v. 10, n. 3, p. 40–49, 2014.
- COSTA, G. D. C. Tactic determinants of game practiced by middle attacker in men's volleyball. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, v. 18, n. 3, p. 371-79, 2016.
- COSTA, Y. P. et al. Ações de levantamento: indicadores de rendimento no voleibol escolar. **Revista Brasileira de Esportes Coletivos**, v. 1, n. 2, p. 4–9, 2017.
- COSTA, Y. P.; BATISTA, G. R. Análise da qualidade e desempenho técnico das ações no voleibol feminino escolar. **Revista Acta Brasileira do Movimento Humano**, v. 5, p. 80–93, 2015.
- DAÓLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, v. 10, n. 4, p. 99–103, 2002.
- EOM, H. J.; SCHUTZ, R. W. Statistical analyses of volleyball team performance. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 63, n. 1, p. 11–18, 1992.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE VOLLEYBALL - FIVB. **Refereeing-Rules**. Disponível em: <http://www.fivb.org/EN/Refereeing-Rules/RulesOfTheGame_VB.asp>. Acesso em: Abr. 2018.
- INKINEM, V.; HÄYRINEN, M.; LINNAMO, V. Technical and tactical analysis of women's volleyball. **Biomedical Human Kinetics**, v. 5, p. 43-50, 2013.
- JAMES, N.; TAYLOR, J.; STANLEY, S. Reliability procedures for categorical data in Performance Analysis. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 7, n. 1, p. 1–11, 2007.
- LANDIS, J. R.; KOCH, G. G. The measurement of observer agreement for categorical data. **Biometrics**, v. 33, n. 1, p. 159–174, 1977.
- MAIA, N.; MESQUITA, I. Estudo das zonas e eficácia da recepção em função do jogador recebedor no voleibol sênior feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n. 4, p. 257–270, 2006.
- MATIAS, C. J. A. D. S.; GRECO, P. J. Análise da Organização Ofensiva dos Levantadores Campeões da Superliga de Voleibol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 4, p. 1007–1027, 2011a.
- MATIAS, C. J. A. D. S.; GRECO, P. J. De Morgan ao voleibol moderno: O sucesso do Brasil e a relevância do levantador. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 10, n. 2, p. 49–63, 2011b.
- OTÁVIO, A.; FERREIRA, G. Evaluation of scoring skills and non scoring skills in the Brazilian SuperLeague Women's. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 5, n. 5, p. 25–31, 2016.
- PALAO, J. M.; SANTOS, J.; UREÑA, A. Effect of team level on skill performance in volleyball. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 4, n. 2, p. 50–60, 2004.
- PALAO, J. M.; MANZANARES, P.; ORTEGA, E. Design, validation, and reliability of an observation instrument for technical and tactical actions in indoor volleyball. **European Journal of Human**

Movement, v.34, p.75-95, 2015.

JOÃO, P. V.; MESQUITA, I.; SAMPAIO, J.; MOUTINHO, C. Análise comparativa entre o jogador libero e os recebedores prioritários na organização ofensiva, a partir da recepção ao serviço, em voleibol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 6, n. 3. 2006.

RAMOS, M. H. K. P.; NASCIMENTO, J. V.; DONEGÁ, A. L.; NOVAES, A. J.; SOUZA, R. R.; SILVA, T. J.; LOPES, A. S. Estrutura interna das ações de levantamento das equipes finalistas da superliga masculina de voleibol. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**, v. 12, n. 4, p. 33-37, 2004.
